

O GARIMPO ILEGAL EM TERRAS INDÍGENAS E AS REPERCUSSÕES NA SAÚDE MATERNO-INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

LAURA POHL COSTA¹; PAULO CESAR BASTA²; ANA CLAUDIA SANTIAGO DE VASCONCELLOS³; JULIANA DOS SANTOS VAZ⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas, laurapohl2015@gmail.com*

² *Fundação Oswaldo Cruz - paulo.basta@fiocruz.br*

³*Fundação Oswaldo Cruz - anacsvasconcellos@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – juliana.vaz@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A saúde dos povos indígenas da Amazônia tem sido comprometida por diversas ações e ameaças ilegais de desmatamento e exploração de recursos naturais da floresta. Umas destas ações é o garimpo ilegal para extração de minérios, principalmente ouro (BASTA; HACON, 2020). Além do desmatamento da floresta, o garimpo ilegal emprega o mercúrio na extração mineral, deixando um lastro de poluição nos rios, no solo e comprometendo os recursos hídricos da região (BASTA et al., 2021).

O mercúrio empregado no garimpo ilegal é descartado em rios e lagos, junto a outros resíduos, sofre reações químicas e resulta em metilmercúrio, uma das formas mais tóxicas do mercúrio que contamina os peixes consumidos pelos povos que habitam na região (VASCONCELLOS et al., 2022). O desmatamento associado a contaminação ambiental também compromete a biodiversidade da fauna e da flora e reduz a disponibilidade de alimentos para a caça e a coleta (BASTA; HACON, 2020;). A escassez de alimentos compromete a aquisição de alimentos na natureza, a sobretudo proteínas e micronutrientes, comprometendo o estado nutricional geral de crianças e mulheres em idade fértil (ORELLANA et al., 2021; MORAES et al., 2022).

A contaminação pelo mercúrio na região amazônica tem sido associada a diversos comprometimentos neurológicos, como perda da capacidade cognitiva, alterações psicomotoras e problemas no desenvolvimento mental, sobretudo em crianças indígenas possivelmente expostas ao mercúrio desde o período pré-natal (VASCONCELLOS et al., 2018). Pesquisadores brasileiros e agências de divulgação científica têm somado esforços para denunciar o garimpo ilegal e os danos a floresta e ao meio ambiente e investigar a possível relação entre a contaminação do mercúrio e a precariedade da saúde indígena (ALISSON, 2023; FASOLO, 2023; VASCONCELLOS et al., 2022; BASTA; HACON., 2020;).

Diante do exposto, o presente trabalho trata de uma descrição de vivência acadêmica com a participação em um curso destinado a profissionais da saúde indígena na região do Pará. O objetivo é descrever a participação da acadêmica durante o treinamento teórico prático oferecido aos profissionais e promover uma reflexão sobre como as vivências na graduação podem ampliar a percepção da atuação do nutricionista na saúde pública, sobretudo na saúde indígena.

2 . METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um resumo descritivo abordado através de um relato de experiência da participação no curso de Atualização Profissional em Vigilância e Monitoramento de Populações Expostas ao Mercúrio no Brasil – Aspectos práticos. O curso refere-se à primeira etapa do projeto de pesquisa intitulado “Estudo Longitudinal de Gestantes e Recém-nascidos Indígenas Expostos ao Mercúrio na Amazônia”, coordenado pelo pesquisador Paulo Cesar Basta da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

O referido projeto tem por objetivo avaliar os efeitos da exposição pré-natal ao mercúrio no neurodesenvolvimento de crianças indígenas que vivem em áreas de influência de garimpos de ouro na Amazônia, considerando atrasos cognitivos, problemas de coordenação motora e de linguagem. O projeto tem previsão de iniciar em outubro de 2023 em aldeias do povo indígena Munduruku ao longo do rio Tapajós, na proximidade dos municípios de Itaituba e Jacareacanga, Pará. O acompanhamento de gestantes e seus bebês ocorrerá desde a notificação da gestação até os bebês completarem 24 meses de idade, com previsão de inclusão de 250 pares mãe-filho.

O curso foi ofertado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz, ministrado por uma equipe multidisciplinar formada por médicos, neuropediatras, farmacêuticas, bióloga, geólogo, psicóloga e nutricionista e teve a colaboração de acadêmicos da área da saúde. A formação foi destinada aos profissionais das equipes multidisciplinares de saúde do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Rio Tapajós, que são compostas por enfermeiros, técnicos de enfermagem, psicóloga e Agentes da Saúde Indígena (AIS), no período de 6 a 10 março de 2023, na Faculdade de Itaituba – FAI, na cidade de Itaituba-PA. O curso teve como objetivo fornecer um treinamento teórico e prático para esses profissionais da saúde que irão participar da pesquisa na qualidade de entrevistadores, aplicando questionários e avaliações previstas no protocolo.

A participação da estudante teve como objetivo acompanhar a docente da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas vinculada ao projeto, e colaborar no treinamento prático para a aplicação dos questionários, avaliação antropométrica, aferição de pressão arterial, e aplicação de testes rápidos para avaliação dos níveis de hemoglobina e glicemia. Após as etapas teóricas do curso, houve a parte prática dos treinamentos com a visita as aldeias Praia do índio e Praia do Mangue. Paralelamente, a vivência foi uma oportunidade de conhecer as questões socioambientais e conhecer um pouco da cultura indígena presente nesta região do Pará.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso iniciou com palestras que abordavam o ciclo do mercúrio na Amazônia; riscos e consequências da contaminação ambiental pelo mercúrio; incidência do metilmercúrio em pescados; programa de pré-natal, tópicos básicos de genética e conceitos de neurodesenvolvimento.

Como segunda etapa, foram realizados treinamentos com 10 agentes indígenas de saúde e técnicos de enfermagem. Os questionários para cada etapa do estudo (gestação, pós-parto e avaliação da criança) haviam sido elaborados previamente, e durante o treinamento, cada questionário foi apresentado, contextualizando a importância de cada informação a ser coletada, orientações de como proceder com a leitura de perguntas, aplicação de escalas, e registro das

respostas. Nesta etapa, surgiram muitas observações por parte dos profissionais indígenas para aprimorar a linguagem utilizada nos instrumentos, e a necessidade de tradução para a língua Munduruku, uma vez que nas aldeias que farão parte do estudo não se fala o português.

Posteriormente, houve um momento prático em que os participantes do curso executaram todas as etapas da pesquisa, com a aplicação dos questionários e a execução de todas as aferições previstas, como medidas antropométricas (peso e altura), aferição de pressão arterial e aplicação de testes rápidos para avaliar os níveis de hemoglobina e glicemia.

Como o treinamento final, a equipe de pesquisa e todos os profissionais participante do curso visitaram duas Unidades Básicas de Saúde Indígena para um pré-teste do primeiro questionário, além de executar as avaliações previstas.

A equipe de pesquisa teve retorno positivo dos participantes do curso. Todos participaram ativamente e mostraram-se interessados pela temática em estudo. Foram acordados a criação de um manual instrutivo para cada etapa da pesquisa, assim como a tradução para a língua Munduruku dos questionários e manuais. O envolvimento positivo dos profissionais locais com a equipe de pesquisa e a participação no curso mostrou a importância da pesquisa como instrumento de conhecimento para a população indígena.

4. CONCLUSÕES

A possibilidade de envolvimento no projeto e a visita às aldeias indígenas foram essenciais para aproximação com a cultura local e desmistificar ideias preconcebidas sobre a população indígena. Outros aspectos a serem destacados foi conhecer a região do Pará, as Unidades de Saúde do Distrito Sanitário Especial Indígena e a dedicação dos profissionais que nelas atuam e a importância dos programas de pré-natal e puericultura. Questões importantes como a baixa estatura intergeracional, a escassez de alimentos e perceber de perto como questões ambientais, como o desmatamento ilegal, tem impactos nas questões nutricionais de uma região. Importante salientar também que apesar de abordarmos aqui a problemática da contaminação do mercúrio nas terras indígenas amazônica, esse é um tema que interessa a todos os brasileiros, uma vez que muitas regiões do país são abastecidas com o pescado do Rio Tapajós.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALISSON, E. Mineração em terras indígenas da Amazônia aumentou 1.217% nos últimos 35 anos. **Agência FAPESP**, 03 fev 2023. Online. Acessado em 12 set. 2023. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/mineracao-em-terrass-indigenas-da-amazonia-aumentou-1217-nos-ultimos-35-anos/40613>

BASTA, P. C.; HACON, S. de S. Impacto do mercúrio na saúde do povo indígena Munduruku, na bacia do Tapajós. Nota Técnica. **WWF Brasil. Fiocruz**. p.7, 2020.

BASTA, P.C., et al. Mercury Exposure in Munduruku Indigenous Communities from Brazilian Amazon: Methodological Background and an Overview of the Principal Results. Int. J. Environ. Res. Public Health. 2021. Acessado em 13 set 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph18179222>

FASOLO, C. Dossiê inédito explica avanço do garimpo ilegal. **Instituto Socioambiental**. 16 Mar 2023. Online. Acessado em 12 set. 2023. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/dossie-inedito-explica-avanco-do-garimpo-na-amazonia>

MORAES, A. O. dos S., et al. Food profile of Yanomami indigenous children aged 6 to 59 months from the Brazilian Amazon, according to the degree of food processing: a cross-sectional study. **Public Health Nutr.** v. 26, n. 1, pág. 208–218, 2022.

ORELLANA, J.D.Y., et al. Intergenerational Association of Short Maternal Stature with Stunting in Yanomami Indigenous Children from the Brazilian Amazon. **Int J Environ Res Public Health**. 2021. Acessado em 12 set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph18179130>

VASCONCELLOS, A. C. S. de., et al. Health risk assessment attributed to consumption of fish contaminated with mercury in the Rio Branco Basin, Roraima, Amazon, Brazil. **Toxics**. 2022. Acessado em 14 set 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/toxics10090516>

VASCONCELLOS, A. C. S. de., et al. Burden of Mild Mental Retardation attributed to prenatal methylmercury exposure in Amazon: local and regional estimates. **Cien Saude Colet**. p. 3535–3545, 2018. Acessado em 5 set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.15812016>